

TERAPIA FAMILIAR. RELEMBRANDO.

Lindemberg Rocha

O gentil convite da Maria Helena Junqueira para que eu participasse desse encontro, acompanhado do sentido que ele tem, que é dar continuidade ao esforço para se incluir no âmbito da IPA a formação em terapia de família e de casal, esse convite, me encheu de lembranças.

A participação nesse encontro de colegas argentinos, me avivou o encanto que senti ao tomar contato com os trabalhos de Pichon-Riviere no final dos sessenta do século passado.

Não só os seus trabalhos de Psiquiatria social, com grupos familiares, grupos operativos, a hipótese da doença mental única, a conceituação da estrutura vincular etc.... mas também, o encanto com seus artigos sobre o conde de Lautremont, que me levaram a ler, intrigado e surpreso Os Cantos de Maldoror.

O surgimento da terapia familiar entre nós, no Rio de Janeiro ocorreu como consequência necessária de uma nova visão do que seria a loucura e como com ela se relacionar.

Essa nova forma foi aqui representada pela Comunidade Terapêutica, alimentada certamente pela anti-psiquiatria.

Ronald Laing teve importância fundamental nessa época, fins dos anos sessenta, ao dizer que a esquizofrenia seria fruto do capitalismo e mais ainda, engendrada pela família.

Um trabalho seu, "Nós, plural de nós", procura explicitar como se dá o surgimento dos sintomas e que eles são nós na comunicação inter-familiar. A família usa mecanismos de indução e de depósito em um dos membros das questões não resolvidas da família.

Formula um conceito importante, o de *família interna*, ou seja, a internalização da rede de relações familiares, feita de maneira particular por cada representante da família.

A comunidade terapêutica representou, assim a abertura da Psiquiatria para as contribuições da filosofia, da sociologia, da antropologia, das teorias sobre grupos etc., além da tentativa de uma ação prática levando em consideração todos esses aspectos. Dai o interesse pelo trabalho com grupos e por fim com um grupo específico, a família.

Vivíamos o auge da ditadura militar-67,68.

Paradoxalmente, a comunidade terapêutica permitiu a inúmeros jovens estudantes de psiquiatria, psicologia e afins, viver e praticar no hospício aquilo que era impossível viver fora, o exercício da democracia.

Pensar a família e como dela se aproximar terapeuticamente é pensar sobre complexidades pelo número de variáveis de disciplinas diferentes que estão envolvidas. Na verdade é um estudo das interfaces, das intercessões, ou seja, uma inter-ciência com uma metodologia interdisciplinar.

Quando Laing fala de família interna fala da passagem da díade para o grupo.

Quando Pichon Riviere conceitua a noção de vínculo o faz como uma estrutura complexa que inclui um sujeito, um objeto e sua mútua inter-relação. Uma ampliação do conceito de relação de objeto, para dar conta das relações inter-pessoais.

Quando Levi-Strauss, conceitua a proibição do incesto como a passagem da natureza a cultura, novamente o que nos interessa é essa passagem, essa dobradiça como ele diz.

Porque falamos em complexidade?

Por que esses objetos de estudo não são de mesma ordem, não são isomorfos. Assim, a passagem da família para a sociedade não se faz por um contínuo, por um simples somatório de famílias. A família tem uma estrutura a sociedade outra. De ordem diferente.

Sófocles mostra isso genialmente em Antígona.

Antígona invoca um direito “natural”, familiar como justificativa para enterrar o irmão morto, contrariando Creonte, o tirano, que invoca a lei do Estado para exercer sua vontade soberana. Ou seja, só por transgressão da ordem doméstica e familiar, surge o Estado e por consequência o cidadão. A sociedade não é portanto, uma simples ampliação do círculo familiar.

Assim temos que levar em conta na terapia familiar, muito mais do que o grupo familiar.

No caso da psicose por exemplo : o que é biológico, pessoal e o que é da família. Novamente estamos lidando com uma interface aquela entre o biológico e o psicológico. Citando Sábato, " ...uma das trágicas precariedades do espírito, mas também uma de suas sutilezas mais profundas é sua impossibilidade de ser senão mediante a carne."

A consideração da família apenas como estrutura com elementos articulados e inter-atuantes já nos levou a supor que se em uma família há um psicótico a família seria psicótica. Obviamente, um engano que resulta de se levar uma determinada conceituação ao seu extremo. Engano que a clinica corrige.

Da mesma forma que o biológico é permeável ao psicológico, o indivíduo o é a família e a família ao seu meio social a sua cultura. Assim como o indivíduo possui uma história, também o tem a família. Assim como a instituição familiar.

Ou seja, quando falamos de terapia familiar, estamos falando da família que conhecemos, ou seja, a ocidental, hoje, que está inserida em uma cultura judaico-cristã e imersa em determinada classe social. Na clinica particular certamente a família é frequentemente de classe média.

O nosso objeto de estudo, a família, é uma estrutura em permanente transformação. Hoje, em uma transformação acelerada. Nesse ponto não podemos deixar de nos referir a uma de causas principais, a revolução feminista.

Já é um fato aceito até por historiadores marxistas, como Hobsbawen, que a revolução feminina, foi a mais importante revolução do século XX.

Revolução que se caracteriza por três aspectos principais:

1-A revolução sexual que contou com a ajuda da ciência ao libertar a mulher da gravidez indesejada.

2- A entrada massiva da mulher no sistema de produção, ou seja, da produção extra-doméstica.

3- Por último e talvez mais importante, não é uma luta entre povos diferentes, ou entre classes sociais diferentes ou mesmo religiões diferentes.

É uma luta tenaz e cotidiana em cada família, dentro da mesma classe social, econômica, religiosa, etc.

A mulher está continuamente questionando a própria identidade do homem, obrigando-o a abrir mão do pressuposto em que é criado, ou seja, o da superioridade em função simplesmente da diferença de sexo, ou de gênero se diria hoje.

Para Marx (K), um critério para se examinar o grau de avanço de uma sociedade é exatamente a forma como se dá a relação homem-mulher.

Nesse sentido, em 1848, ele escreve: “A relação imediata, natural, necessária do homem com o homem é a relação com a mulher...A relação do homem com a mulher é a relação mais natural do homem com o homem e nesta relação aparece então, até que ponto o comportamento natural do homem se tornou humano, ou melhor ,até que ponto sua essência humana se tornou essência natural. Nesta relação vemos, então, como outro homem, como homem, se torna uma necessidade para o homem e até que ponto o homem em sua existência mais individual é ao mesmo tempo, comunidade.”

As transformações advindas com a revolução feminina aliada ao capitalismo como império do consumo, teve uma consequência que não sei avaliar se é positiva ou não, que é a dessacralização do corpo da mulher.

O corpo é agora, algo para ser exibido. Tornou-se simples superfície como que descolado do seu possuidor e a relação sexual tende a ser cada vez mais um mero exercício tecnológico.

A questão fundamental da reprodução e da filiação passa para um segundo plano ao qual é relegado também a responsabilidade social das relações entre o homem e a mulher. È o fim da sagrada família.

2-Família e Psicanálise.

A família como grupo atuante psicologicamente não mereceu a atenção de Freud.

Como diz Norbert Elias, é provável que ele considerasse a família como parte do que ele chamava realidade em contraposição às

fantasias. Conceituou os seus achados de um modo que levou a crer que todo ser humano é uma unidade fechada em si mesma, *um homo clausus*.

Entretanto considerou como núcleo central das neuroses, o complexo de Édipo.- que é uma forma literária de se referir a uma família primeva, mítica, original. Porém uma estrutura intrapsíquica.

Já falamos que podemos considerar a família do ângulo sincrônico, que é a estrutura ou do ponto de vista diacrônico que é o da história.

Freud também patinou nas questões da estrutura e da história. Assim quando fala do complexo de Édipo ele o faz no sentido de uma estrutura atemporal, fixa no tempo. Mas o homem é um ser histórico.

Da mesma forma o mito do Pai primevo, o Pai da horda, se situa num tempo mítico, atemporal, não sendo obstáculo para Freud dele derivar uma estrutura - o Édipo.

Ora, como dizem os etnólogos não há nenhuma razão para se acreditar que a estrutura da família tenha sido sempre a patriarcal. Pelo contrario. Os chamados fosseis sociológicos, ou seja, restos de estruturas anteriores a patriarcal, sobrevive em algumas sociedades .

O exemplo clássico são as sociedades em que o parentesco se faz pela mãe. O pai biológico não tem função alguma, a não ser a reprodutiva, quando disso tem conhecimento. A função Pai é exercida pelo irmão da mãe.

Embora não tenha prestado atenção na família como grupo atuante psicologicamente, Freud em seus achados leva sempre em conta a família interna, quando não a concreta, de carne e osso.

Nos alvares da psicanálise, em 1897, Freud genialmente faz uma descoberta que considera de suma importância, algo como um *caput nili* da neuropatologia.

Usa uma metáfora antiga - a descoberta das nascentes do Nilo- para se referir a sua descoberta das nascentes da psicanálise que é a teoria da sedução. Teoria que consiste em colocar em relação uma realidade efetiva, concreta - a sedução – com uma teoria que pretende explicar a totalidade da psicopatologia. Surge assim a noção de recalçamento , gênese do sujeito humano, possuidor de

um inconsciente e de uma sexualidade. Sabemos que o sedutor imaginário é quase sempre o pai ou alguém da família. Novamente a conceituação passa pela família.

3-Terapia analítica de família.

Quando falamos de terapia de família, estamos nos referindo a terapia do grupo familiar. Ou seja, estamos considerando a família como um grupo que possui um funcionamento não só no plano consciente como também no inconsciente.

É uma terapia grupal, cujos componentes possuem uma história consciente em comum e um inter cruzamento extremamente complexo de inconscientes individuais. Seria temerário, penso eu, falar em inconsciente familiar a não ser como uma liberdade de linguagem.

Essa íntima inter-relação frequentemente adquire uma importância determinante na evolução psíquica dos seus membros adquirindo tonalidades de um quase destino.

Podemos a partir da clínica dizer que determinantes sociais funcionam como uma superestrutura para algumas famílias promovendo funcionamentos perversos por submeter todos ao projeto de um. É o caso do self made man.

Outras vezes, são frustrações sociais que se tenta reparar através dos filhos.

No plano da história da família, vemos o sofrimento surgindo dos próprios fatos da vida que exigem uma elaboração constante como separação dos pais, o crescimento dos filhos e sua saída de casa, doenças, envelhecimento, psicose, morte, etc.

A psicose, aliás foi o objeto primeiro da terapia familiar. Entre outras razões por ser um ponto de resistência tanto a psicanálise quanto a psicofarmacologia. E continua sendo.

Diferentemente da análise individual, a terapia de família gira com incômoda frequência em torno do pai. Não só o pai de carne e osso, mas principalmente o pai simbólico. As famílias que procuram terapia, frequentemente estão às voltas com problemas

que vão além da simples neurose. Questões que envolvem os excessos. Os excessos emocionais, os excessos aditivos, etc.

Sendo assim, problemas em torno dos limites, em torno da Lei, simbolizada pelo Pai.

Sabemos também que com frequência essa função – a de pai simbólico - é exercida pela mãe.

Presenciamos também os transtornos que essa confusão de papéis, confusão de línguas, causa. Entretanto, não é possível, acredito eu, ser pai sem a concordância da mãe.

Penso que esse poder da mãe é um desses fosséis sociológicos que o tempo transformará cada vez mais em meras sombras de um passado longínquo. Herança do matriarcado.

O que é a recente lei da guarda compartilhada senão a luta do pai contra o império da mãe?

Uma vez, um pai aflito, perplexo, me procurou. Tinha um filho de cinquenta anos, músico de algum talento, mas totalmente dependente dele. Não suportava mais aquilo.

Já no telefonema inicial, a sua questão era muito precisa; até quando um pai é pai. Questão intrigante até por sua simples formulação.

Alguém já se perguntou até quando uma mãe é mãe?

Por continuar me intrigando trouxe a questão para vocês.

Tenho uma hipótese inicial. Sendo a paternidade humana uma invenção da sociedade, como escreveu Margaret Mead, a invenção tem uma data, que só pode ser a passagem do matriarcado para o patriarcado. Um tempo que não conhecemos.

É o fato de ser uma invenção, que esse lugar tem que ser inventado a cada vez que alguém se torna pai. Daí a precariedade do lugar, daí a dificuldade de tantos pais serem pai.

É por ser uma invenção social que um pai se pergunta até quando um pai é pai.

Por que as mães não fazem a mesma pergunta ?

Voltando as categorias de Levi Strauss, se o pai é um fenômeno da Cultura a mãe é exatamente o lugar do encontro entre a Natureza e a Cultura. Não há lugar para a dúvida do seu lugar.

4) Conclusão:

Pensei em concluir fazendo algumas observações sobre um caso que deixou a muitos perplexos. O caso do engenheiro austríaco que manteve em cativo e teve sete filhos com a própria filha. O que eu sei da história são relatos esparsos lido nos jornais e que me chamaram a atenção.

Em primeiro lugar, a sua declaração que não era um monstro. Seria um monstro segundo ele, se fosse pedófilo. O fato de ter filhos com a filha, não mereceu nenhum comentário. Para ele, a endogamia seria natural, como que seguindo as constatações dos antropólogos de que a proibição do incesto só é absoluta para a relação de filhos com a mãe.

Filho único foi criado pela mãe que segundo ele expulsou de casa o seu pai, por ser mulherengo e irresponsável. Não se casou de novo. Será que a endogamia já começou com a mãe?

O método usado. Contou com a ajuda da prefeitura para construir um bunker. A ameaça para que a filha não gritasse era a inoculação de gás no interior do porão. Reeditando assim as práticas nazistas.

Quando perguntado se a última guerra teria tido alguma influência no ocorrido, ele respondeu que talvez, sim.

Obviamente são mínimos fragmentos de um caso, mas que mostra com clareza o entrelaçamento entre a história pessoal - abandono pelo pai, casamento com a mãe, Ao mesmo tempo a prática da endogamia que só desapareceu dos costumes humanos e não totalmente com a proibição do incesto. E por fim com a história social que lhe coube viver - a segunda guerra mundial

Referências bibliográficas:

a) Buarque de Hollanda, S – Raízes do Brasil- Companhia das Letras, 2006

b) Carneiro Leão, E – A ética da violência. Conferência na aPERj, rio4,
Gravação - 2004

c) Cerroni,U e outros- A crise da família e o futuro das relações entre os sexos.

d) Elias,N e Scotson,J – Os estabelecidos e os “outsiders”- Jorge Zahar Editor – 2000

e) Freud,S- Totem e Tabu Rio Imago Editora,1974

f) Jackson,D Pragmática da comunicação humana .Sao Paulo Editora Cultrix 1973

g) Laplanche,J –Teoria da sedução generalizada –Porto Alegre.Artes Medicas ,1988

h) Levi-Strauss, -As estruturas elementares do parentesco.Vozer ,1976.

i) Rocha,Lindemberg—a) Estudo das relações psicológicas entre o individuo e a família e suas repercussões teórico-clínica .Dissertação de Mestrado em Medicina Social –IMS UERJ – 1980.

b) Terapia Familiar .Por que ? in Grupo sobre Grupo. Org. Py,L.A –Ed Rocco 1987

j) Sábato,E.- Sobre Heróis e Tumbas- Ed Francisco Alves – 1980.

Santos,O e Simplicio,W- Uma experiência piloto no Hosp.Odilon Galotti. In Revista do Serviço Nacional de Doenças Mentais,1967.

Sófocles.- Antígona .Difel-Rj 2001 –Tradução de Domingos Cegalla.